

João Botelho

Filmes são histórias, o cinema é o modo de as filmar



Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema
Setembro 2022



Catálogo editado por ocasião do Ciclo “João Botelho: Filmes são histórias, O cinema é o modo de as filmar”, apresentado pela Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema em setembro de 2022

Organização: Antonio Rodrigues, com a colaboração de João Botelho

Grafismo e paginação: João Botelho e Nuno Rodrigues

Revisão: Antonio Rodrigues, João Botelho

Agradecimentos: Alexandre Oliveira, Bernardo Pinto de Almeida,
Fernando Cabral Martins, Francisco Veloso (in memoriam),
João Botelho, João Ribeiro, Olivier Assayas, Paulo Abelho

Depósito Legal:

ISBN: 978-972-619-296-1

N.º exemplares: 750

Impresso na ACD Print, SA

em Setembro de 2022

Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, I.P.

Rua Barata Salgueiro, 39 | 1269-059 Lisboa | www.cinemateca.pt



CINEMATECA PORTUGUESA
MUSEU DO CINEMA, I.P.

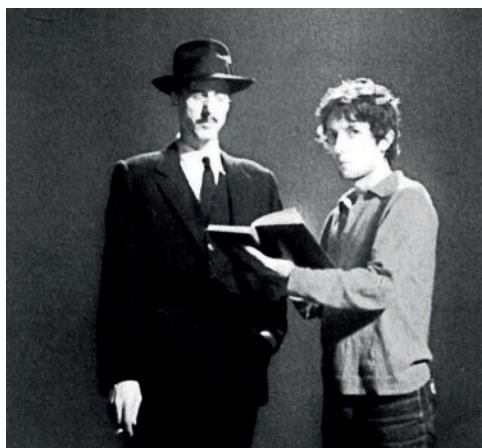


índice

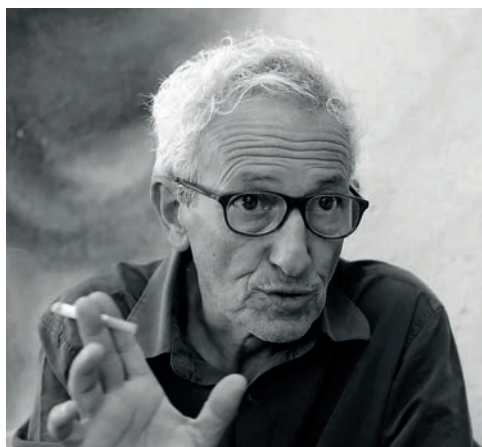
1	apenas o cinema	11
	José Manuel Costa	
2	a minha longa vida, que passa tão depressa	23
	João Botelho	
3	filmes são histórias, o cinema é o modo de as filmar	27
	Antonio Rodrigues e João Botelho	
4	os meus textos	
	João Botelho	
1.	do desenho ao cinema	93
2.	... e a pintura intrometeu-se de vez	99
3.	luz e sombras	103
4.	um cinema do ato da fala	107
5.	a música é coisa perigosa	111
6.	os trabalhos de João Ribeiro	115
7.	cinema e literatura	121
8.	atores como família, técnicos como artistas	125
9.	a vingança do cinema	129
5	conversa acabada	
	Olivier Assayas	133
6	a luz louca da primavera	
	Fernando Cabral Martins	139
7	cineasta do grito	
	Bernardo Pinto de Almeida	145
8	o cinema é coisa mental	
	Fernando Cabral Martins	167
9	a minha carta branca	
	João Botelho	193
10	filmografia	197
11	calendário das sessões	209



Ana Moreira, A CORTE DO NORTE , encandeado ao branco



Eu e Fernando Cabral Martins na minha primeira longa-metragem CONVERSA ACABADA



fotografia de Alfredo Cunha

¹ “I am born” é a abertura de *David Copperfield*, o mais comovente início de qualquer romance ou história que se queira contar. Dickens inventou o cinema dezenas de anos antes dos

a minha longa vida, que passa tão depressa

João Botelho

Nasci, cito Dickens¹, há 73 anos em Lamego, uff! Algumas notas biográficas sem grande importância, estão no início da conversa com Antonio Rodrigues que se prestou a organizar este catálogo e este Ciclo. O que importa é o que se faz, não como se vive. Estamos na terra para fazer, não para ser. O EU é a pior invenção que os seres humanos criaram. “Quem inventou o espelho envenenou a alma humana!”, como eu gosto desta frase de Fernando Pessoa. Algumas circunstâncias ou pequenas, mas gloriosas catástrofes moldaram o meu modo de ser. De muito novo me levaram de casa da família (parece a abertura do extraordinário romance *Menina e Moça* de Bernardino Ribeiro) para a aventura de Coimbra dois anos antes da crise de 1969. Do silêncio do fascismo, da obediência, da religião e do Estado, unha com carne, era possível encontrar o novo e o diferente, experimentar laivos de liberdade, poder respirar e pensar. Uma heterotopia com limites, eu sei. Mas o colectivo impôs-se, o EU desvanecia-se. Nós o grupo, nós o povo, nós os portugueses. Agitação dos neurónios, crescimento do carácter. Se estiverem atentos vão dar-se conta que eu não sou um cineasta do “umbiguismo”². Fora algumas intromissões biográficas, em apenas três filmes, distantes no ADEUS PORTUGUÊS, mais presentes na VIAGEM AO CORAÇÃO DO DOURO e NO O CINEMA, MANOEL DE OLIVEIRA E EU aí não há intromissão da minha vida, ligeira e feliz nos mais de trinta filmes que a sorte me fez cair das mãos e o trabalho os fez sair delas. Se a vida

é uma dádiva tão extraordinária como fugaz, o cinema é exigente, duro e até violento porque bom ou mau, para o bem e para o mal, ficará para sempre. E claro o 25 de Abril de 74, o ano mais feliz da minha vida e da vida de milhões de portugueses. Todos que abandonaram um longo sufoco para um grande abraço colectivo. Se bem que pessoas que tinham cantado com alegria o direito ao pão, à educação, à habitação e à saúde iriam gritar poucos meses depois: “Nós não queremos perder o poder de compra!” e aí inquietei-me deveras. Jean-Marie Straub, o que me ensinou a nunca dizer *moderno* (o que é hoje moderno amanhã não o será), mas *tradicional*, respeitando a história ou talvez *contemporâneo* (mesmo tendo feito muitos filmes sobre diferentes épocas históricas nunca fiz um único filme de “época”, são todos, têm todos, a marca do dia em que os filmei). Também me apontou como solução a dissidência, que ganha com o tempo em vez da resistência que fatalmente perde contra os monstruosos poderes instalados. Depois, coisas grandes como a queda do muro de Berlim e o sonho dos fins das guerras, frias ou quentes (mas como são de novo negros os tempos de hoje) e pequenas coisas, como uma frase gravada na porta interior de uma casa de banho miserável numa taberna perdida perto de Viseu: “faz o que quiseres, palavra do Senhor!” e a defesa do livre arbítrio do senhor Diderot de que eu adaptei *Jacques, o Fatalista*: “já que está escrito lá em cima posso fazer o que quiser,” frase que levou à Revolução Francesa e à *Declaração dos Direitos do Homem*. Eu sei que há um único limite, que eu não me cansei de repetir nalgumas projeções turbulentas do FILME DO DESASSOSSEGO por escolas e liceus no meu périplo pelo país, que é retirar a liberdade de outro qualquer.

Não na vida, mas no cinema gosto mais da inquietação do que da consolação, de dúvidas do que certezas e de perguntas, porque as respostas são de Nós e não de Eu. Uma retrospectiva quase integral de 35 filmes, curtas, longas, documentários, onde a única diferença são os temas e a duração da exibição porque para mim todos são cinema³, é uma honra

irmãos Lumière e Méliès, afirmou Eisenstein no seu extraordinário texto *Dickens, Griffith e Nós*, apontando sobretudo o seu romance *Tempos Difíceis* que eu tive a sorte de adaptar, onde se anuncia uma espécie de gramática cinematográfica que Griffith iria transformar numa quase arte. No romance, se um capítulo terminava em plano geral o seguinte abria em grande plano. Havia elipses evidentes, esta magnífica ideia de compressão ou extensão do tempo, indicação de movimentos do olhar, portanto, da câmara, etc. Mas estamos sempre a aprender e a duvidar. Nuns anos mais recentes quando me confrontei com as gravuras paleolíticas do Vale do Côa para o documentário A ARTE DA LUZ TEM 20.000 ANOS também me dei conta de um possível princípio dezenas de milhares de anos mais cedo. Não eram as luzes e as sombras da Caverna de Platão a origem do pensamento filosófico do Ocidente, não era a esguia Sombra da Tarde a revolucionária escultura dos Etruscos de Volterra, mas três cavalos alinhados em tamanhos diferentes, riscados na rocha, o que Piero della Francesca iria fixar numa tela, no Quattrocento, a célebre perspectiva mas, para o caso que me interessa, fiquei estupefacto com a gravura de um cavalo na cópula com uma égua com várias posições da cabeça, da cauda e das patas que indicava, milhares de anos antes, o desejo do homem em fixar o movimento, início do cinema.

² De uma frase de Álvaro Cunhal na polémica com José Régio

³ Conheço três obras-primas do cinema a partir de um único romance, *Madame Bovary* de Gustave Flaubert. Renoir, Minnelli e até Manoel de Oliveira (a “Bovarinho do Douro” na adaptação de Agustina Bessa-Luís), adaptar um romance de modo diferente, de um modo maravilhoso, aqui está a explicação para o título que escolhi, para o Ciclo e para este catálogo. O cinema é o modo de filmar, não a história que se filma. Por fim dizer que a *Madame Bovary* não existe, ela não é mais do que o próprio Flaubert.

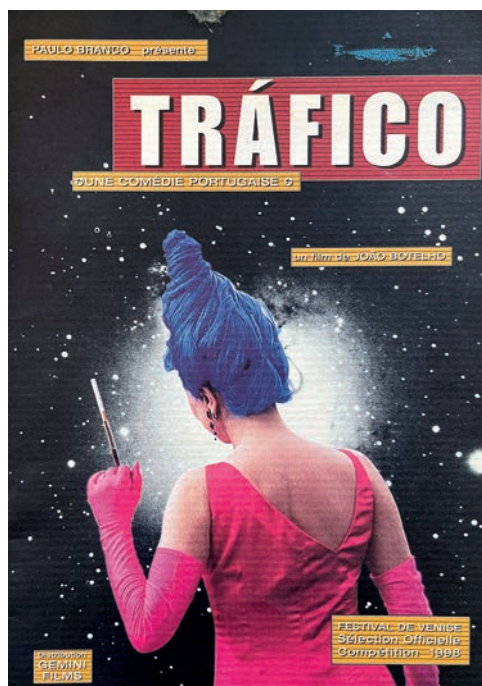
que agradeço à Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, mas que também assusta, aflige porque parece apontar o fim de um longo trabalho de mais de 40 anos, numa vertigem tão rápida. Não! Garanto que ainda vou tentar dar-vos muito trabalho. O cinema de algum dos meus filmes antigos envelheceu muito bem e acredito que ao cinema dos últimos e ao dos próximos pode estar reservada a mesma sorte.

Um dia, o Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio deu-se conta que o nosso cinema era muito mais reconhecido fora do que dentro de portas e resolveu transformar-me em comendador por mérito cultural. Ainda hoje não sei se mereço a comenda e como não tenho fraque nem smoking não penso usá-la, mas guardo-a como homenagem ao cinema português de que tenho orgulho em fazer parte.



filmes são histórias, o cinema é o modo de as filmar

João Botelho em conversa com Antonio Rodrigues



Na página anterior Maria Emília Correia e Rosa Lobato Faria

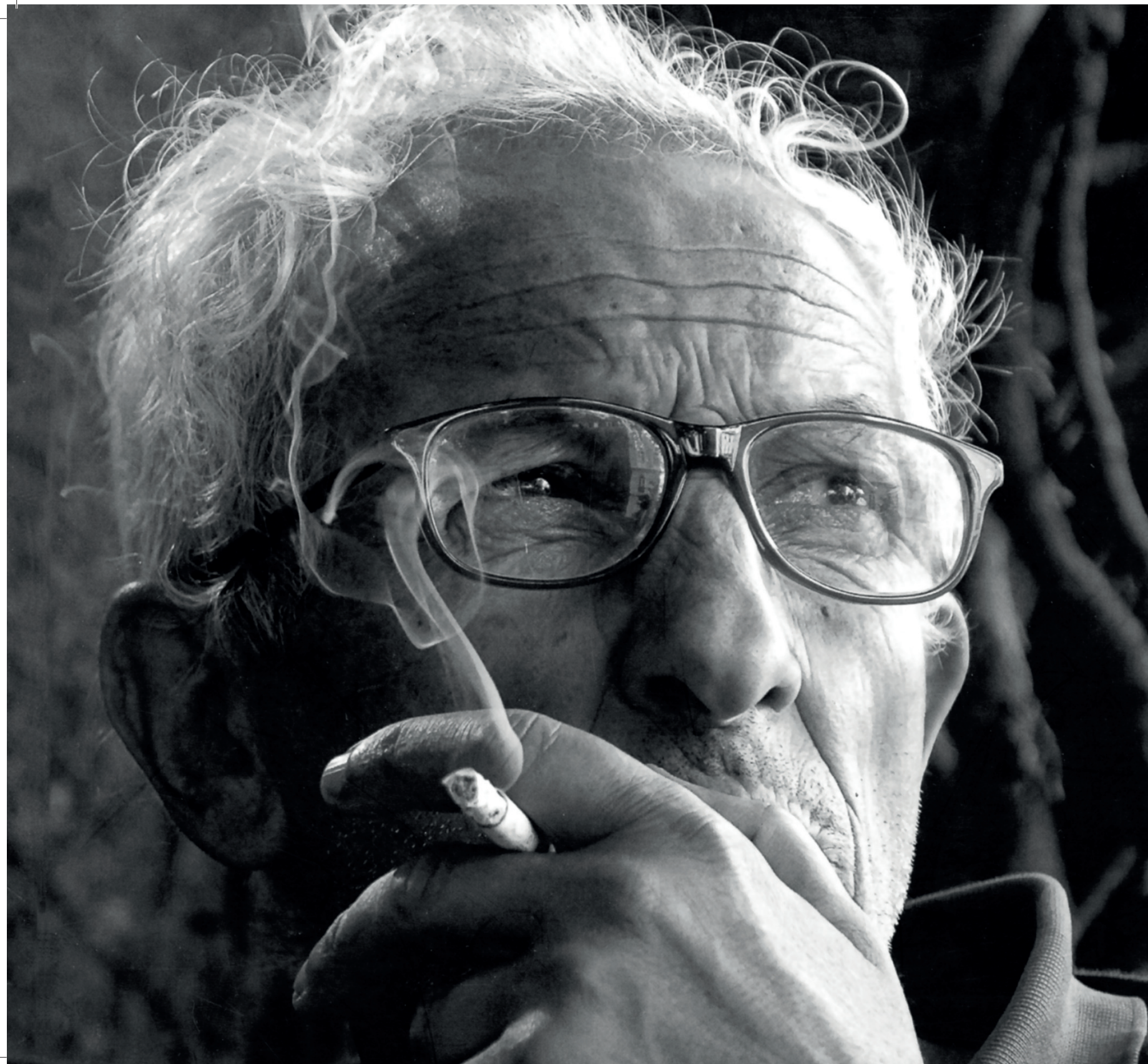
João Botelho - Vamos falar mais de filmes e de cinema e menos de vida. A vida das pessoas é muito menos importante do que as coisas que elas fazem. Estamos “aqui na terra” só para fazer. Se nada se faz, nada interessa.

Podemos começar pelo começo, as tuas primeiras memórias de cinema, por exemplo.

A minha primeira visão de cinema aconteceu no cineteatro Ribeiro Conceição em Lamego. Creio que eram OS CONTOS DE HOFFMANN, num ballet subaquático.

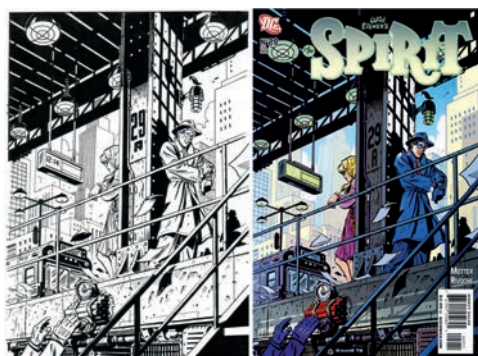
Lembras-te das imagens mas não sabes de que filme são? Isto acontece a toda a gente.

Pessoas a dançar debaixo da água. O meu pai alugou uma frisa e fui com as minhas irmãs. Depois, com educação tradicional, vi coisas como JOSELITO, CORAÇÃO DE OURO e MARCELINO, PÃO E VINHO e como tinha uma educação católica lembro-me de ver aquela série inacreditável, ANDY HARDY, com Mickey Rooney, Judy Garland e Spencer Tracy em padre. O Mickey Rooney com aquela redonda cara de rapaz pequenino, de anãozinho e a Judy Garland eram tontos, mas maravilhosos. Os rapazes





Alack Sinner na abertura de ALEXANDRE E ROSA, 1978



Will Eisner

1. do desenho ao cinema

Para ganhar a vida fiz centenas de capas de livros, dezenas de catálogos e cartazes (muitos para esta Cinemateca), illustrei livros de crianças, interessei-me por Brodovitch, um russo branco, pela linha clara vinda das grandes BD belga, pelo negrume do *Alack Sinner* de Muñoz e Sampayo, pela genialidade de Will Eisner autor do *Spirit* onde Fritz Lang diz ter aprendido mais do que em qualquer outro autor o Cinema. Seja no clássico 4x3, nos incômodos 1.66x1, ou no 1.85x1 ou no actual esticado 2.23x1 que imita o CinemaScope (ideal para filmar serpentes e funerais, piada do mesmo Lang) o ecrã é uma página em branco que é preciso preencher e compor para encontrar linhas de força e produtivas dinâmicas do olhar. Com medo do fracasso, à procura do rigor e da possibilidade de o encontrar desenei plano a plano os meus primeiros filmes. Alguns exemplos estão nas páginas seguintes. Um dia o amigo dos *Cahiers* Serge Daney numa crítica a um filme meu avisava-me que a composição dos meus planos era tão forte que por vezes prejudicava a sequência e a fluidez narrativa, ele que era sábio e atento, pouco depois dos meados dos anos 80 do século passado também anunciava que no futuro a narrativa iria triunfar sobre o cinema. Tinha razão, mas queria e quero lá saber do que é maioritário e dominante. Quando se fazem dois ou três mil planos e se criam mil efeitos sonoros alguém vê, alguém ouve? Divertimento infanto-juvenil. Manter a linha clara, filmar apenas o essencial, defender a coerência, o cinema são muitas e diversas coisas e ainda bem. Mas eu sei que a minha prática é minoritária. Mais tarde iria chegar a pintura mas isso é outra história.

JB



Alguns desenhos do “storyboard” para CONVERSA ACABADA, 1981

27- BICA, INTOS E CORREDORES - EXT N (3h-3h30) + C

27B- SALÃO LUXO - INT N (3h-3h30)

28- QUARTO - INT N (4h-4h30) - TEM PROJEÇÕES

29- NUVENS - JANELA do QUARTO (6h30-7h30) - EXT/INT AMANHECER (SLIDES de NUVENS PASSA NA CASA de BS)

30- RUAS da BAIXA - EXT D (8h30-9h)

31- ESCRITÓRIO - INT D (9h-10h)

32- ESCRITÓRIO - INT D (11h-12h)

33- RESTAURANTE - INT D (13h30-14h) - SOLMAR (Fogor luz e sombra)

34- ESPLANADA - EXT D (14h-14h30)

35- ESCRITÓRIO - INT D (15h-16h)

36- ÓPERA - EXT D (16h-17h)

36A- ESCRITÓRIO

37A- RUA da ALFANDEGA (Ponte TERREIRO do PAGO) - EXT D (18h-19h)

37B- TERREIRO do PAGO, ARCADAS

37C- MURO PARA o RIO - EXT/FIM de DIA

38- ESCULTURAS VERMELHAS (TERREIRO do PAGO) EXT D (19h-20h) - FIM de DIA

39- CRIS das COLUMAS - EXT D AMANHECER (20h-21h)

40- QUARTO - INT N (22h-23h) - TEM PROJEÇÕES

41- LAP DANCING - INT N (01h-01h8)

42- QUARTO - INT N (1h-1h10) - TEM SOMBAS

43- RUAS de LISBOA - TRAVELLINGS - EXT N (1h30-2h)

44- PRAIA - EXT D (3h-4h)

45- INT COMBOIO CASCAIS (5h-6h) - AMANHECER (Ponto de vista + Ext)

46- QUARTO - INT N (6h01-6h02)

47- FLORESTA - EXT D (6h30-7h) - NASCER do DIA

48- QUARTO - NÃO DEFENIR A HORA - PROJEÇÃO

49- SALÃO de DANÇA - INT - NÃO DEFENIR HORA

1- ABERTURA / GENEALÓGICO (BANDA)

2- ESCRITÓRIO

3A- BAR - INT N AMERICANO

3- BAR MISERÁVEL - INT N (3h) A/B AMERICANO

EXT N

+ EXT MUSI

4- EXT N AMANHECER (RUAS) (5h-6h)

5- ~~AMANHECER~~ EXT AMANHECER da

6- QUARTO - INT N (como no filme mais) - (SALA PEQUENA)

7- RUAS DA BAIXA - EXT DIA (10h-11h) - 2

8- QUARTO - INT D - TEM PROJEÇÕES (11h)

9- ALTO do LONGO - EXT D (11h30-12h)

10- PARQUE INFANTIL - EXT D (12h-12h30)

11- CORREDOR (JUNTO AO QUARTO) - INT D (ESCADAS - FIM do SOLAR + CORREDOR - LUM AMIGOS)

12- ALTO do LONGO (RUAS) - EXT D (12h45)

13- APARTAMENTO - INT D (12h45-13h) HOTEL (P/B)

14- CAFÉ / RESTAURANTE - INT D - SOLMAR

14B- MULHER CORRÊ NA PAREDE DOVADA

15- ROSSIO - MANIF - EXT D (14h-15h)

15B- ROSSIO (VASELINA) + 15C

16- IGREJA S. DOMINGOS - EXT D (15h-16h)

INT D

17- BAIXA / TERREIRO do PAGO / RIO TESO EFEITO DOS PRÉDIOS

18- TÚNEL PARA COMÉRCIO INT D (17h-17h10) (PASSAGEM do PAGO)

19- METRO - INT (17h30-18h)

20- CEMITÉRIO dos PRAZES - EXT D (18h)

21- CAFÉ / RESTAURANTE (SOLMAR) - INT

22- ARCADAS TERREIRO do PAGO - EXT

23- APARTAMENTO - INT N (22h-23h) HOTEL (P/B)

24- QUARTO - INT N (00h-01h) - PROJ

25- SALA de ESPETÁCULO, BAR - INT N (1h)

1976

OS BONECOS DE SANTO ALEIXO

curta-metragem

UM PROJETO DE EDUCAÇÃO POPULAR

curta-metragem

O ALTO DO COBRE

curta-metragem

1978

ALEXANDRE E ROSA

Co-realização: Jorge Alves da Silva / *Argumento:* : João Botelho, Jorge Alves da Silva / *Direção de fotografia* (16 mm, Eastmancolor): Acácio de Almeida, José Luís Carvalhosa / *Montagem:* Solveig Nordlund / *Música:* António Pinho (piano), José Martins (bateria), Artur Guedes (contrabaixo), João Nogueira (saxofone) / *Som:* Paola Porru / *Interpretação:* Luís Lucas (*Alexandre*), Teresa Madruga (*Rosa*), João Perry, Cremilda Gil.

Produção: Instituto Português de Cinema / *Duração:* 20 minutos / *Estreia mundial:* Festfigueira julho

de 1979 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira exibição na Cinemateca:* 14 de junho de 1984, no âmbito do ciclo “Encontros com o Cinema Português”.

1981

CONVERSA ACABADA

Argumento: João Botelho / *Diálogos:* Helena Domingos / *Diretor de fotografia* (35 mm, cor): Acácio de Almeida / *Cenários:* Ana Jotta / *Música:* Jorge Arriagada / *Montagem:* Manuela Viegas / *Som:* Joaquim Pinto, Vasco Pimentel / *Interpretação:* Fernando Cabral Martins (*Fernando Pessoa*), André Gomes (*Mário de Sá-Carneiro e Lúcio em “A Confissão de Lúcio”*), Jorge Silva Melo (*o apresentador e o leitor de “Fausto”*), Juliet Berto (*Hélène*); as vozes de Helena Domingues, Susana Reis, Joaquim Furtado, Maria Reis, Osório Mateus (*leitores dos poemas*); Luiz Pacheco (*Pessoa no leito de morte*), Manoel de Oliveira (*o padre na cena da morte de Pessoa*); “Marinheiro”: Glicínia Quartín, Isabel de Castro, Zita Duarte (*as três veladoras*); “A Confissão de Lúcio”: João Perry

(Ricardo), Leonor Pinhão (Marta), Isabel Ruth (a americana louca); Helena Almeida (a cantora no cabaret); António Wagner (o apresentador no cabaret), Nuno Vieira de Almeida (o pianista no cabaret).

Produção: V.O. Filmes (Lisboa), RTP, com a participação da Fundação Calouste Gulbenkian / *Duração:* 104 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Cannes, maio de 1981 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema São Jorge), 13 de maio de 1982 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 28 de maio de 1990, no âmbito do ciclo “Isabel de Castro no Cinema Português”.

1985

UM ADEUS PORTUGUÊS

Argumento: João Botelho, Leonor Pinhão / *Direção de fotografia* (35 mm, preto & branco e cor): Acácio de Almeida / *Cenários:* Ana Jotta / *Guarda-roupa:* Jasmim de Matos / *Música:* Olivier Messiaen “Louange à l’Éternité du Seigneur”); música popular angolana / *Montagem:* João Botelho, Leandro Ferreira, Ana Luísa Guimarães, Leonor Guterres / *Som:* Pedro Caldas (gravação), Vasco Pimentel e Joaquim Pinto (montagem) / *Interpretação:* Isabel de Castro (Piedade), Ruy Furtado (Raul), Maria Cabral (Laura), Fernando Heitor (Alexandre), Cristina Hauser (Rosa), Henrique Viana (Editor), João Perry (Jorge), Cremilda Gil (criada), Luís Lucas, Diogo Dória, António Sequeira Lopes, Robert Sambela, José Jorge Duarte, Fernando Oliveira, António Caldeira Pires, José António Camões, Marcello Cerqueira, Luciano Alvarez, João Nascimento, Zé da Guiné, Nelson Morais (soldados), António Peixoto (Padre), José Manuel

Meneses (filho do caseiro), André Gomes, Anamar, Osório Mateus, Ana Jotta, António Reis.

Produção: João Botelho para Companhia de Filmes do Príncipe Real / *Duração:* 85 minutos / *Estreia mundial:* Cinemateca Portuguesa, em 4 de outubro de 1985.

1988

TEMPOS DIFÍCEIS

Argumento: João Botelho, a partir do romance “Hard Times” de Charles Dickens / *Direção de Fotografia* (35 mm, preto & branco): Elso Roque / *Direção artística:* Jasmim Matos / *Cenários:* Luís Monteiro / *Guarda-Roupa:* Virgílio Leitão, Paula Ferreira, Nadia Baggioli, José Faria, Jasmim / *Música:* António Pinho Vargas, interpretada por Paulo Farmhouse Alberto, Carolino Carreira, José Carlos Costa, António Melo, Paula Azguime, António Saiote; *Canon dodecafónico* de Igor Stravinsky interpretado por Alexandra Mendes, Clélia Vital, Jorge Lé e Vasco Branco / *Montagem:* João Botelho / *Som:* Vasco Pimentel / *Interpretação:* Luís Estrela (Tomazinho Cremalheira), Julia Britton (Luísa Cremalheira) Isabel de Castro (Tereza Cremalheira), Ruy Furtado (Tomaz Cremalheira), Inês de Medeiros (Cecília), Henrique Viana (José Grandela), Eunice Muñoz (Josefina Vilaverde), Lia Gama (Raquel), Joaquim Mendes (Sebastião), Isabel Ruth (a mulher de Sebastião), Pedro Cabrita Reis (Júlio Vaz Simões), Pedro Hestnes (Bastos), Maria Alice Pereira (a mãe de José Grandela), Fernando Cabral Martins (o professor), Luís Lucas (narrador).

Produção: João Botelho para Companhia de Filmes do Príncipe Real com a participação Artificial

Eye Productions / *Duração*: 95 minutos / *Estreia mundial*: 30 de setembro de 1988 nos cinemas em Lisboa (cinemas Quarteto e Amoreiras) e Coimbra (cinema Gil Vicente) / *Primeira apresentação na Cinemateca*: 28 de junho de 1990, no âmbito do ciclo “Isabel de Castro no Cinema Português”.

NO DIA DOS MEUS ANOS

Argumento: João Botelho / *Direção de fotografia* (35 mm, cor, formato 1x66): Dominique Le Rigoleur / *Cenários*: Ana Vaz da Silva / *Figurinos*: Matilde de Matos / *Montagem*: José Nascimento, Manuela Viegas / *Som*: Vasco Pimentel (gravação), Hans Kürzi (misturas) / *Interpretação*: Jessica Weiss (*Laura*), João Lagarto (*o pai de Miguel*), André Costa (*Miguel*), Madalena Rodrigues (*Joana*), Artur Ramos (*o avô*), Vítor Norte (*Rafael*), Paulo Matos (*o piloto*), Leonor Silveira (*a mulher do piloto*) e outros.

Produção: Madragoa Filmes (Paulo Branco), La Sept Cinéma, RTP / *Duração*: 65 minutos / *Estreia mundial*: Festival de Locarno, agosto de 1999 / *Estreia em Portugal*: 21 de agosto de 1992 / *Primeira apresentação na Cinemateca*: 13 de abril de 2016, no âmbito da rubrica “História Permanente do Cinema Português”.

1993

AQUI NA TERRA

Argumento: João Botelho / *Direção de fotografia* (35 mm, cor): Elso Roque / *Cenários*: Ana Vaz da Silva / *Guarda-roupa*: Rita Lopes Alves / *Música original*: António Pinho Vargas / *Montagem*: José Nascimento / *Som*: Vasco Pimentel *Interpretação*:

Luis Miguel Cintra (*Miguel*), Jessica Weiss (*Isabel*), Pedro Hestnes (*António*), Rita Dias (*Cecília*), Isabel de Castro (*a mãe*), Inês de Medeiros (*a prostituta*), Laura Soveral (*a governanta*), Cremilda Gil (*a viúva*), Henrique Viana (*o inspector*), Canto e Castro (*o empresário*), André Gomes (*Sr. Bloom*), António Sequeira Lopes (*o GNR*), José de Arimateia (*a amigo de António*)

Produção: António da Cunha Telles para a Companhia de Filmes do Príncipe Real / *Duração*: 110 minutos / *Estreia mundial*: Lisboa (cinema Nimas), 10 de setembro de 1993 / *Primeira apresentação na Cinemateca*: 6 de janeiro de 2006, no âmbito do ciclo “In Memoriam Isabel de Castro”.

1994

TRÊS PALMEIRAS

Argumento e diálogos: João Botelho / *Diretor de Fotografia* (35 mm, cor e preto & branco): Olivier Gueneau / *Cenários*: Fernanda Morais / *Guarda-roupa*: Rita Lopes Alves / *Música*: António Victorino d’Almeida / *Montagem*: Carla Bogalheiro / *Som*: Francisco Veloso / *Intérpretes*: Teresa Roby (*a mulher grávida*), Pedro Hestnes (*o seu marido*), Rita Lopes Alves, Alexandra Lencastre, Diogo Infante, Canto e Castro, Inês de Medeiros, Ana Nave, Herculano Cunha, Jessica Weiss, Stephen Jonston, Madalena Rodrigues, Olga Roriz, Reis Junior, José Ribeiro da Fonte, Pedro Cabrita Reis, Rita Blanco, Mário Marques, Helena Vieira; Rui Morisson (voz off).

Produção: Madragoa Filmes, para “Lisboa 94, Capital Europeia da Cultura” / *Duração*: 67 minutos / *Estreia mundial*: Lisboa (cinema Tivoli),

14 de junho de 1994, no âmbito de “Lisboa, Capital da Cultura / *Primeira apresentação na Cinemateca*: 3 de julho de 1994, no âmbito do ciclo “Lisboa no Cinema”.

1998

TRÁFICO

Argumento e diálogos: João Botelho / *Direção de fotografia* (35 mm, cor): Olivier Gueneau / *Cenários*: João Botelho, Fernanda Morais / *Guarda-roupa*: Sílvia Grabowski / *Música*: trechos de Gorecki (Sinfonia nº 3), Mussorgsky (*Boris Godunov*), dos fados *Casa Portuguesa* e *Não é Desgraça Ser Pobre* e do hino nacional português / *Montagem*: Rodolfo Wedeles / *Som*: Philippe Morel, Gérard Rousseau (misturas), Jean-Charles Martel (montagem) / *Interpretação*: Rita Blanco (*a mãe de Jesus*), Adriano Luz (*o pai de Jesus*), Joaquim Oliveira (*Jesus*), Canto e Castro (*Padre Hipólito*), Paulo Bragança (*Padre Lino*), Maria Emília Correia (*“Pequenina”*), Maria José Luís (*a escultora*), São José Lapa (*a atriz bêbeda*), Dalila Carmo (*a criada da escultora*), Rosa Lobato Faria (*a condessa das sardinhas*), Ricardo Trêpa (*o filho da condessa*), João Perry (*o banqueiro*), Alexandra Lencastre (*a amante do banqueiro*), Artur Ramos (*um conde alentejano*), Isabel de Castro (*Casca, em “Júlio César” e uma senhora da Linha*), Laura Soveral (*Cássio em “Júlio César” e uma senhora da Linha*), Branca Camargo (*a mulher de peruca vermelha*), Nuno Melo (*um gigolo*), Io Apolloni (*a dona do salão de cabeleireiro*), Bagão Félix (*um crítico de arte*), Sofia Leite (*a decoradora que faz visitar a casa*), José Pinto e José Eduardo (*os homens que lêem “Os Desastres de Sofia” na lixeira*).

Produção: Paulo Branco, para Madragoa Filmes, Gemini Filmes (Paris), Zentrope (Dinamarca), com a participação da RTP / *Duração*: 110 minutos / *Estreia Mundial*: Festival de Veneza (competição), 8 de setembro de 1998 / *Estreia em Portugal*: Lisboa (cinemas King, Fonte Nova e Saldanha), 31 de dezembro de 1998 / *Primeira apresentação na Cinemateca*: 9 de janeiro de 2006, no âmbito do ciclo “In Memoriam Isabel de Castro”.

1999

SE A MEMÓRIA EXISTE

Argumento: João Botelho a partir do texto, *O Tesouro*, de Manuel António Pina / *Direção de Fotografia* (digital, cor): Daniel Del Negro / *Guarda-Roupa*: Sílvia Grabowski / *Montagem*: Rui Del Negro / *Som*: Filipe Gonçalves / *Interpretação*: Joana Pinhão Botelho, Vasco Gonçalves, Pezarat Correia, Vasco Lourenço, Vítor Alves, Matos Gomes, Santos Osório, Vítor Crespo, Mário Tomé, Costa Neves, Otelio Saraiva de Carvalho, Martins Guerreiro, Almada Contreiras, Alfredo Assunção. *Produção*: Associação 25 de abril, com o apoio da Comissão de Apoio dos 25 Anos do 25 de abril / *Duração*: 25 minutos / *Estreia mundial*: Festival de Veneza, 10 de setembro de 1999 / *Estreia em Portugal*: 13 de abril de 2000 / *Primeira apresentação na Cinemateca*: 16 de maio de 2014, no âmbito do ciclo “25 de abril Sempre”.

2001

QUEM ÉS TU?

Argumento: João Botelho, baseado em *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett e precedido por *Sonhos e Pesadelos Sebastianistas* de D. Maria de Noronha / *Diretor de fotografia* (35 mm, Eastmancolor): Elso Roque / *Guarda-Roupa:* Sílvia Grabowski / *Música:* António Pinho Vargas / *Som* (dolby digital): Philippe Morel (gravação), Waldir Xavier (montagem) / *Interpretação:* Patrícia Guerreiro (Maria), Suzana Borges (D. Madalena de Vilhena), Rui Morisson (Manuel de Sousa Coutinho), Rogério Samora (Frei Jorge), José Pinto (Telmo), Francisco d'Orey (D. João de Portugal), Bruno Martelo (D. Sebastião).

Produção: 39 Degraus, Produtor executivo: Filmes do Tejo / *Duração:* 112 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Veneza (competição, setembro de 2001 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema São Jorge), 24 de novembro de 2001 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 22 de março de 2005, no âmbito do ciclo “Diretores de Fotografia do Cinema Português”.

2002

VIAGEM AO CORAÇÃO DO DOURO, A TERRA ONDE NASCI

Argumento: João Botelho / *Imagem* (digital, cor): Inês Carvalho, João Botelho / *Montagem:* João Braz, João Botelho / *Narração:* Rui Morisson / *Produção:* João Botelho para Os 39 Degraus / *Duração:* 30 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Primeira apresentação na*

Cinemateca: 12 de setembro de 2022, no âmbito do ciclo “João Botelho – Filmes são Histórias, o Cinema é o Modo de as Filmar”.

2003

A MULHER QUE ACREDITAVA SER PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Argumento: João Botelho, a partir de uma ideia de Leonor Pinhão / *Direção de fotografia* (35 mm, cor, formato 1:66): Inês Carvalho / *Cenários:* Catarina Amaro / *Figurinos:* Sílvia Grabowski / *Montagem:* João Botelho, João Filipe Marques / *Som* (Dolby): Philippe Morel (gravação), Waldir Xavier (montagem), Branko Neskov (misturas) / *Interpretação:* Alexandra Lencastre (a Presidente), Rita Blanco (Maria de Lurdes, a sua secretária), Laura Soveral (a mãe), Helena Vieira (a cantora), Suzana Borges (Leonor Ferreira Bastos), Paula Guedes (a diretora da Vanity's), São José Correia (Suzete, a criada), Patrícia Guerreiro e Concha Sachetti (as gémeas), Io Apolloni (a esteticista), Adelaide João (a cozinheira), Mrs. Meng (a professora de chinês), Lia Gama, Lídia Franco, Márcia Breia, Maria Emília Correia, Maria João Luís, Mina Andala, Rosa Lobato Faria e Sofia Leite (as senhoras do comité).

Produção: Madragoa Filmes, RTP / *Duração:* 114 minutos / *Estreia mundial:* Lisboa (Centro Cultural de Belém), março de 2003 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 13 de setembro de 2022, no âmbito do ciclo “João Botelho – Filmes são Histórias, o Cinema é o Modo de as Filmar”.

2005

O FATALISTA

Argumento: João Botelho, a partir do romance *Jacques le Fataliste et son Maître* (1765-84) de Denis Diderot / *Imagem* (35 mm, cor): Edmundo Diaz / *Figurinos:* Isabel Branco / *Música:* Lhassa de Sela; Brahms (Sonata op. 38 para violoncelo e piano) / *Montagem:* Renata Sancho / *Som:* Pedro Melo (gravação) Miguel Martins (misturas), Branko Neskov (montagem) / *Interpretação:* Rogério Samora (*Tiago*), André Gomes (*o seu patrão*), Rita Blanco (*Senhora D*), Patrícia Guerreiro (*Bárbara*), Teresa Madruga (*a mãe de Bárbara*), José Wallenstein (*o marquês*), Suzana Borges (*a estalajadeira*), Maria Emília Correia (*a dona do bordel*), Adriano Luz (*o marido*), João Batista (*Tiago aos vinte anos*), João Leitão (*Tiago em criança*), Teresa Pombo (*a criada da Senhora D*), Helena Laureano (*Suzette*), Ana Bustorff (*Margarida*), José Pinto (*o avô de Tiago*), Laura Soveral (*a avó de Tiago*), José Eduardo (*o padre*), Miguel Monteiro (*o realizador*), Renata Sancho (*a montadora*), Irene Lima (*a violoncelista*), Nuno Vieira de Almeida (*o pianista*), Rui Morisson (*narração*).

Produção: Paulo Branco para Madragoa Filmes (Lisboa) e Gemini Films (Paris) / *Duração:* 102 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Veneza (seleção oficial), 7 de setembro de 2005 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema King), 1 de dezembro de 2005 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 21 de fevereiro de 2022, no âmbito do ciclo “In Memoriam Rogério Samora”.

A LUZ NA RIA FORMOSA

Argumento: João Botelho / *Imagem* (digital, cor): Inês Carvalho, João Botelho / *Montagem:* Renata Sancho / *Som:* Miguel Martins / *Interpretação:* Suzana Borges (*a mãe*), Rui Horta (*o filho*); narração de Miguel Monteiro.

Produção: João Botelho e Miguel Verde para Os 39 Degraus / *Duração:* 50 minutos / *Estreia mundial:* Lisboa (Festival DocLisboa), 16 de outubro de 2005 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 12 de setembro de 2022, no âmbito do ciclo “João Botelho – Filmes são Histórias, o Cinema é o Modo de as Filmar”.

2006

AVE MARIA

Argumento: João Botelho, a partir do romance epónimo de Manuel da Fonseca / *Diretor de fotografia* (digital cor): Acácio de Almeida / *Cenários:* Catarina Amaro / *Figurinos:* Joana Antunes / *Montagem:* Edgar Alberto / *Som:* Pedro Melo (gravação), Paulo Abelho (misturas) / *Interpretação:* Beatriz Batarda (*Maria*), Martim Pedroso (*Gaspar*), Pedro Carraça (*Belchior*), Sabri Lucas (*Baltazar*).

Produção: Alexandre Valente para a RTP e Utopia Filmes / *Duração:* 25 minutos / *Estreia mundial:* 21 de dezembro de 2006.

2007

A BALEIA BRANCA — UMA IDEIA DE DEUS

Argumento: Maria João Cruz, a partir de “Moby Dick”, de Herman Melville, para uma encenação

teatral de António Pires / *Diretor de fotografia (digital, cor)*: João Ribeiro / *Escolha musical*: Paulo Abelho, João Eleutério / *Montagem*: Vanessa Pimentel / *Som*: Francisco Veloso / *Com as presenças de*: Graciano Dias, João Barbosa, José Airosa, Maria Rueff, Miguel Borges, Miguel Carvalho, Milton Lopes, Ricardo Aibéo, Rui Morisson, António Pires; narração de Maria José Cruz.

Produção: Alexandre Oliveira para Ar de Filmes; participação da RTP / *Duração*: 55 minutos / *Estreia mundial*: 27 de março de 2007. *Primeira apresentação na Cinemateca*: 30 de setembro de 2022, no âmbito do ciclo “João Botelho – Filmes são Histórias, o Cinema é o Modo de as Filmar”.

A TERRA ANTES DO CÉU

Argumento: João Botelho, a partir de excertos de Miguel Torga / *Diretor de fotografia (digital, cor)*: João Ribeiro / *Montagem*: Vanessa Pimentel / *Som*: Francisco Veloso (gravação), Paulo Abelho (misturas) / *Interpretação*: José Pinto (*Miguel Torga*).

Produção: Alexandre Oliveira para Ar de Filmes / *Duração*: 50 minutos / *Estreia mundial*: 14 de dezembro de 2007 / *Primeira apresentação na Cinemateca*: 15 de setembro de 2022, no âmbito do ciclo “João Botelho – Filmes são Histórias, o Cinema é o Modo de as Filmar”.

2008

A CORTE DO NORTE

Argumento: João Botelho, a partir de um argumento original de José Álvaro Morais baseado em *A Corte do Norte* de Agustina Bessa-Luís / *Direção de fotografia*: João Ribeiro / *Direção artística*: Catarina Amaro / *Som*: Francisco Veloso / *Montagem*: João Braz / *Interpretação*: Ana Moreira (*Rosalina – Emília de Sousa – Águeda – Rosamunde*), Ricardo Aibéo (*João Sanha*), Rogério Samora (*João de Barros*), Custódia Galego (*Leopoldina*), Lúcia Roque (*Margot*), Laura Soveral (*D. Matilde*), João Ricardo (*Gaspar de Barros*), Marcello Urgeghe (*Tristão*), Margarida Vila-Nova (*Leopoldina*), António Pedro Cerdeira (Lopo), Graciano Dias (*Francisco*), Diana Costa e Silva (*Alice aos 30 anos*), Rita Blanco (*D. Antónia*), Fernanda Borsatti (*Alice aos 81 anos*), Rui Morisson (*o médico*), Virgílio Castelo (*Almeida Garrett*).

Produção: António da Cunha Telles para Animatógrafo II e Filmes de Fundo / *Duração*: 122 minutos / *Estreia mundial*: Nova Iorque (New York Film Festival), 30 de setembro de 2008 / *Estreia em Portugal*: Festival do Funchal, 15 de novembro de 2008 / *Primeira apresentação na Cinemateca*: 6 de julho de 2009.

2009

PARA QUE ESTE MUNDO NÃO ACABE!

Argumento: João Botelho / *Diretor de fotografia (digital, cor)*: Paulo Menezes / *Montagem*: João Braz / *Som*: Francisco Veloso (gravação), Paulo Abelho e João Eleutério (misturas) / *Interpretação*: Marcello Urgeghe, Maria Archer, João Poças.

Produção: Alexandre Oliveira para Ar de Filmes / *Duração:* 54 minutos / *Estreia mundial:* Lisboa (Festival DocLisboa), outubro de 2009 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 15 de setembro de 2022, no âmbito do ciclo “João Botelho – Filmes são Histórias, o Cinema é o Modo de as Filmar”.

2010

OH LISBOA, MEU LAR

Argumento: João Botelho / *Diretor de fotografia (digital cor):* João Ribeiro / *Montagem:* João Braz / *Som:* António Pedro Figueiredo (gravação), Paulo Abelho e João Eleutério (misturas) / *Interpretação:* Bruno Telles, Constança Villaverde Rosado, Graciano Dias, Francisco Tavares, Joana Cunha Ferreira, João Barbosa, João Brito, Maya Booth, Fernando Cabral Martins; narração de Mário Barroso

Produção: Alexandre Oliveira para Ar de Filmes / *Duração:* 22 minutos / *Estreia mundial:* Lisboa (festival IndieLisboa), 24 de abril de 2010 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 16 de setembro de 2022, no âmbito do ciclo “João Botelho – Filmes são Histórias, o Cinema é o Modo de as Filmar”.

FILME DO DESASSOSSEGO

Argumento: João Botelho a partir de *O Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa (publicado em 1982) / *Diretor de fotografia (digital, cor):* João Ribeiro / *Cenários e figurinos:* Sílvia Grabowski / *Música:* António Pinho Vargas (a ópera intercalada na ação) / *Montagem:* João Braz / *Som:* Paulo Abelho / *Interpretação:* Cláudio da Silva (*Bernardo Soares*), Pedro Lamares (*Fernando Pessoa*),

Ricardo Aibéo (*o dono do bar*), Suzie Peterson (*a empregada do bar*), Manuel João Vieira (*o bêbedo corpulento*), Sérgio Grilo (*o bêbedo franzino*), Sofia Leite (*a mulher de verde*), Cláudia Clemente (*a mulher de vermelho*), Marcello Urgeghe (*Moreira/Luís II da Baviera*), Catarina Wallenstein (*a educadora sentimental*), André Gomes (*o homem de gravata rosa*), Miguel Moreira (*o homem nu*), Mónica Calle (*a mulher nua*), João Barbosa (*o chefe de mesa*), Graciano Dias (*o empregado de mesa*), Ana Moreira (*a rapariga pálida*), Alexandra Lencastre (*o centro de mesa*), Miguel Guilherme (*o homem da gramática*), Sofia Marques, Laura Soveral e Paulo Filipe (*pobres*).

Produção: Alexandre Oliveira para Ar de Filmes / *Duração:* 90 minutos / *Estreia mundial:* 29 de outubro de 2010 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 20 de setembro de 2022, no âmbito do ciclo “João Botelho – Filmes são Histórias, o Cinema é o Modo de as Filmar”.

2011

CARMINHO NO LUX

Imagem (digital cor): Pedro Taborda, Sérgio Brilha, Ricardo Mourão / *Direção musical:* Diogo Clemente / *Montagem:* Maria Joana Figueiredo / *Som:* Luís Caldeira, Mário Capucho, Marco Esteves e Ângelo Lourenço (gravação), Diogo Clemente e Nuno Monteiro (misturas) / *Com as presenças de:* Carminho, Diogo Clemente, Luís Guerreiro, José Manuel Neto, Ângelo Freire, Daniel Pinto, Ruben Alves, Mário Franco.

Produção: Carmo Stichini para Músicas do Mundo / *Duração:* 43 minutos / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 17 de setembro de 2022, no âmbito

do ciclo “João Botelho – Filmes são Histórias, o Cinema é o Modo de as Filmar”.

2012

ANQUANTO LA LHÉNGUA FUR CANTADA

Argumento: João Botelho / *Diretor de fotografia (digital, cor):* João Ribeiro / *Guarda-roupa:* Vera Midões *Música:* Gabriel Gomes / *Montagem:* João Braz / *Som:* Francisco Veloso / *Com as presenças de:* Catarina Wallenstein, Gabriel Gomes.

Produção: Alexandre Oliveira para Ar de Filmes / *Duração:* 50 minutos / *Estreia mundial:* 5 de março de 2012 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 16 de setembro de 2022, no âmbito do ciclo “João Botelho – Filmes são Histórias, o Cinema é o Modo de as Filmar”.

BRAVO SOM DOS TAMBORES

Argumento: João Botelho / *Diretor de fotografia (digital, cor):* João Ribeiro / *Montagem:* João Braz / *Som:* Francisco Veloso.

Produção: Alexandre Oliveira para Ar de Filmes, no âmbito de Guimarães 2012 / *Duração:* 50 minutos.

2014

LA VALSE

Argumento: João Botelho / *Direção de fotografia (digital, cor):* João Ribeiro / *Direção de arte:* Sílvia Grabowski / *Música:* Maurice Ravel / *Coreografia:* Paulo Ribeiro / *Direção artística CNB:* Luísa Taveira / *Montagem:* Edgar Alberto / *Som:* Francisco Veloso / *Intérpretes:* Nuno Vieira

de Almeida, Joana Gama, João Ricardo, Maria Tengarrinha, Samuel Bjork Fanhais, Ricardo Lameiras e os bailarinos Africa Sobrino, Andreia Pinto, Anna Blackwell, Isabel Galrica, Henriett Ventura, Christian Schwarm, Miguel Ramalho, Samuel Retortillo, Tom Colin, Xavier Carmo, etc. *Produção:* Alexandre Oliveira para a Ar de Filmes e Companhia Nacional de Bailado / *Duração:* 22 minutos / *Estreia mundial:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 4 de julho de 2014

OS MAIAS: CENAS DA VIDA ROMÂNTICA

Argumento: João Botelho, baseado em *Os Maias*, de Eça de Queiroz (1888) / *Diretor de fotografia (digital, cor):* João Ribeiro / *Direção artística* Sílvia Grabowski / *Música:* trechos do Concerto nº 5 em mi bemol maior, op 73, dito *O Imperador*, de Beethoven / *Montagem:* João Braz / *Som:* Jorge Saldanha, Francisco Veloso / *Interpretação:* Graciano Dias (*Carlos da Maia*), Jorge Vaz de Carvalho (*voz de Eça de Queiroz*), Maria Flor (*Maria Eduarda*), Pedro Inês (*João da Ega*), João Perry (*Afonso da Maia*), Hugo Mestre Amaro (*Dâmaso Salcede*), Marcello Urgeghe (*Craft*), Adriano Luz (*Conde Gouvarinho*), Maria João Pinho (*Condessa de Gouvarinho*), Pedro Lacerda (*Alencar*), José Manuel Mendes (*Guimarães*), Sandra Santos (*Raquel Cohen*), João Pedro Vaz (*Jacob Cohen*), Catarina Wallenstein (*Maria Monforte*), Ana Moreira (*Maria Eduarda Runa*), Rui Morisson (*Vilaça*), Ricardo Aibéo (*o Conde Steinbroken*), Francisco Tavares (*Eusébio*), Rita Blanco (*Maria da Cunha*), Sara Mestre (*Rosa*), Cândido Ferreira (*D. Diogo*), André Gomes (*Sousa Neto*), João Araújo (*Batista*), Diogo Vida (*Cruges*).

Produção: Alexandre Oliveira para Ar de Filmes e Raccord Produções / *Duração:* 139 minutos / *Estreia mundial:* 11 de setembro de 2014 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 21 de setembro de 2022, no âmbito do ciclo “João Botelho – Filmes são Histórias, o Cinema é o Modo de as Filmar”. A partir do mesmo material, também foi feita uma série para a televisão em quatro episódios

A ARTE DA LUZ TEM 20.000 ANOS

Argumento: João Botelho / *Diretor de fotografia (digital, cor):* João Ribeiro / *Montagem:* João Braz / *Som:* Francisco Veloso (gravação), Elsa Ferreira (misturas) / *Com as presenças de:* Cláudio da Silva, Joana Botelho, Ricardo Aibéo, António Martinho Baptista

Produção: Alexandre Oliveira para Ar de Filmes, em colaboração com o Museu do Cão / *Duração:* 55 minutos / *Estreia mundial:* Vila Nova da Foz Côa (Festival Cinecão), 14 de setembro de 2014 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 26 de setembro de 2022, no âmbito do ciclo “João Botelho – Filmes são Histórias, o Cinema é o Modo de as Filmar”.

QUATRO

Argumento: João Botelho, Maria João Archer / *Direção de fotografia (digital, cor):* João Ribeiro / *Montagem:* Maria Joana Figueiredo / *Som:* Francisco Veloso / *Caracterização:* Sano de Perpessac / *Interpretação:* Diogo Dória, Miguel Guilherme, Maria Dias e os artistas João Queiroz, Jorge Queiroz, Pedro Tropa e Francisco Tropa / *Produção:* Filmes do Tejo II / *Duração:* 100 minutos

/ *Estreia mundial:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 4 de julho de 2014

2015

O SOM DA PRATA

Argumento: João Botelho / *Imagem (digital, preto e branco):* João Ribeiro / *Montagem:* João Botelho e João Braz / *Som:* Francisco Veloso

Produção: Alexandre Oliveira para Ar de Filmes / *Duração:* 5 minutos.

Primeira apresentação na Cinemateca: 5 de setembro de 2022, no âmbito do ciclo “João Botelho – Filmes são Histórias, o Cinema é o Modo de as Filmar”.

NOS CAMPOS EM VOLTA

Argumento: João Botelho / *Imagem (digital, cor):* João Ribeiro / *Montagem:* João Braz / *Som:* António Pedro Figueiredo / *Música:* Joana Guerra / *Com a presença de:* Margarida Vila-Nova

Produção: Alexandre Oliveira para Ar de Filmes / *Duração:* 12 minutos / *Estreia mundial:* Lisboa (festival IndieLisboa), 24 de abril de 2015.

2016

O CINEMA, MANOEL DE OLIVEIRA E EU

Argumento: João Botelho; o segmento *A Rapariga das Luvas*, escrito a partir de uma história de Manoel de Oliveira / *Diretor de fotografia (digital):* João Ribeiro / *Som:* Paulo Abelho / *Montagem:* João Braz / *Música:* Nicholas McNair / *Interpretação:* Mariana Dias, António Durães, Ângela Marques, Maria João Pinho, Leonor

Silveira, Marcello Urgeghe, Miguel Nunes.

Excertos de: filmes de Manoel de Oliveira: PORTO DA MINHA INFÂNCIA; O DIA DO DESESPERO; PALAVRA E UTOPIA; VISITA OU MEMÓRIAS E CONFISSÕES AMOR DE PERDIÇÃO; NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR; O MEU CASO; O PINTOR E A CIDADE; ANIKI BÓBÓ; VALE ABRAÃO; DOURO, FAINA FLUVIAL; A CAÇA; ACTO DA PRIMAVERA; BENILDE OU A VIRGEM MÃE;; FRANCISCA; LE SOULIER DE SATIN; VIAGEM AO PRINCÍPIO DO MUNDO; O PASSADO E O PRESENTE; OS CANIBAIAS; BELLE TOUJOURS; O ESTRANHO CASO DE ANGÉLICA; O GEBO E A SOMBRA | Filmes de João Botelho: CONVERSA ACABADA; UM ADEUS PORTUGUÊS.

Produção: Alexandre Oliveira para Ar de Filmes / *Duração:* 81 minutos / *Estreia mundial:* Lisboa (festival Indielisboa) 24 de abril de 2016 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 7 de outubro de 2016, em ante-estreia.

2017

A PEREGRINAÇÃO

Argumento: João Botelho partir de “Peregrinação” de Fernão Mendes Pinto (1614) / *Diretor de fotografia (digital, cor):* João Ribeiro, Luís Branquinho / *Cenários:* Gonçalo Pires / *Figurinos:* Sílvia Grabowski / *Música:* Daniel Bernardes, Luís Bragança Gil / *Montagem:* João Braz / *Som:* Francisco Veloso (gravação), Tiago Inuit (montagem), Paulo Abelho e Elsa Ferreira (misturas) / *Interpretação:* Cláudio da Silva (*Fernão Mendes Pinto*/António Faria), Catarina Wallenstein (*Maria Correia de Brito*), Martins Barbeiro (*Fernão Mendes Pinto em jovem*), José Neto (*o tio de Fernão Mendes Pinto*), Marcello Urgeghe (*Capitão Pedro Faria*), Mina

Andala (*a princesa-mãe*), Fernando Rodrigues (*o taberneiro*), Filipe Vargas (*um fidalgo espanhol*), Jani Zhao (*Meng*), Dinarte Branco (*Talagrepo*), Pedro Lacerda (*Capitão Fusto*), João Cabral (*Pedro Gaspar Gonçalves*), Márcio Laranjeira (*Felipe II*), António Simões (*o rei dos Batas*).

Produção: Alexandre Oliveira para Ar de Filmes / *Duração:* 108 minutos / *Estreia mundial:* 1 de novembro de 2017 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 28 de setembro de 2022, no âmbito do ciclo “João Botelho – Filmes são Histórias, o Cinema é o Modo de as Filmar”.

2020

O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS

Argumento: João Botelho, a partir do romance de José Saramago (1984) / *Diretor de fotografia (dcp 4K, cor):* João Ribeiro / *Efeitos visuais:* Pedro Vicente / *Cenários:* / *Figurinos:* Sílvia Grabowski / *Música:* Daniel Bernardes; um trecho de *Sadko*, de Rimsky-Korsakov; *Perfect Song* (Louis Katzman); *Der Hohenfriedberger Marsch* (atribuída a Frederico II da Prússia) / *Montagem:* João Braz / *Som:* Jorge Saldanha (gravação), Paulo Abelho (montagem e misturas) / *Interpretação:* Chico Diaz (*Ricardo Reis*), Luís Lima Barreto (*Fernando Pessoa*), Catarina Wallenstein (*Lídia*), Victoria Guerra (*Marcenda*), Hugo Mestre Amaro (*Salvador*), João Barbosa (*Vítor*), Rui Morisson (*Dr. Sampaio*), Gustavo Vargas (*Ramón*), Cláudio da Silva (*um polícia*), Paulo Filipe (*António Lopes Ribeiro*), Ricardo Aibéo (*o dirigente sindical*).

Produção: Alexandre Oliveira para Ar de Filmes / *Duração:* 129 minutos / *Estreia mundial:* 1 de

outubro de 2020 / *Primeira apresentação na Cinemateca*: 29 de setembro de 2022, no âmbito do ciclo “João Botelho – Filmes são Histórias, o Cinema é o Modo de as Filmar”.

2022

O JOVEM CUNHAL

Argumento: João Botelho / *Diretor de fotografia (dcp, preto e branco)*: João Ribeiro / *Figurinos*: Susana Moura / *Música*: Daniel Bernardes / *Montagem*: João Braz / *Som*: Ricardo Ganhão (gravação), Paulo Abelho (montagem e misturas) / *Interpretação*: Hugo Mota Amaro, Jaime Baeta, João Barbosa, Carolina Campanela, Rafael Fonseca, Luís Lima Barreto, Elsa Valentim, João Pedro Vaz.

Produção: Alexandre Oliveira para Ar de Filmes / *Duração*: 75 minutos / *Estreia mundial*: Lisboa (Festival Indielisboa), 1 de maio de 2022 / *Primeira apresentação na Cinemateca*: 29 de setembro de 2022, no âmbito do ciclo “João Botelho – Filmes são Histórias, o Cinema é o Modo de as Filmar”.

UM FILME EM FORMA DE ASSIM

Argumento: João Botelho e Maria Antónia Oliveira, baseado em diversos textos de Alexandre O'Neill / *Diretor de fotografia (dcp 4K cor)*: João Ribeiro / *Cenários*: Cláudia Lopes Castro / *Figurinos*: Sílvia Grabowski / *Música*: Daniel Bernardes / *Montagem*: João Braz / *Som*: Francisco Veloso (gravação), Paulo Abelho (montagem e misturas) / *Interpretação*: Pedro Lacerda (*Alexandre*), Inês Castel-Branco (*a francesa*), Cláudio da Silva (*o fotógrafo*), Cristina Alfaiate (*Ema*), Ana Quintans

(*a cantora*), Luís Lima Barreto, Carmen Santos, Rita Blanco.

Produção: Alexandre Oliveira, para Ar de Filmes / *Duração*: 101 minutos / *Estreia mundial*: Lisboa (Festival Indielisboa), 28 de abril de 2022 / *Primeira apresentação na Cinemateca*: 2 de setembro de 2022, no âmbito do ciclo “João Botelho – Filmes são Histórias, o Cinema é o Modo de as Filmar”.

